

3. Espiral Metodológica

Como já mencionado, este trabalho partiu de uma proposta de tipo etnográfico, com a investigação de estudantes para observar práticas e significados de escrita manuscrita e digital. Nesta seção apresento em linguagem narrativa a “descrição densa” da entrada no campo presencial, com suas tensões, facilidades e resultados. Parto de fragmentos do diário de campo para revisitar as escolhas metodológicas como processo, contando como foi a seleção dos jovens e como se deu a conquista da autorização de entrada e permanência em suas casas. Lembro que a pesquisa online de comunidades de webnovelas foi considerada outra face da investigação, integrada ao longo do processo assim que uma das adolescentes investigadas em suas casas demonstrou interesse por ler e escrever esse tipo de ficção na rede.

Para agrupar ambos os procedimentos metodológicos em um mesmo lugar, a descrição dos instrumentos e dados coletados no campo presencial e online podem ser consultados na parte final desta seção. Objetivando não interromper o ritmo da leitura, que segue em tom narrativo, as diferentes faces do processo e instrumentos específicos estão descritos por quadros.

Neste espaço também justifico a estratégia de retorno ao campo, mesmo quando estava já em fase de análise e escrita do texto final, motivada pela busca e contato via internet de um menino adolescente que pudesse contribuir para o esclarecimento de algumas questões de gênero antes passadas despercebidas. Percorrer esta complexidade de frentes foi tarefa profundamente laboriosa que exigiu fôlego, mas que por outro lado se revelou absolutamente recompensadora.

3.1. Entrada no campo: pesquisando jovens em suas casas

Para chegar aos nativos digitais, parti de um pré-teste para selecionar um adolescente que pudesse indicar outros dispostos a abrir as portas de suas casas para que minhas perguntas entrassem. Decidi estudar nativos digitais em suas residências, com computadores ligados, em pelo menos quatro encontros com uma hora de duração, levando a câmera para registrar as entrevistas. Propus a instalação de um programa para ter acesso à maneira como digitavam na internet e

fotografei quartos, livros, textos, cadernos, letras. Adicionei-os como “amigos” nos ambientes virtuais que participam, como Orkut e MSN, além de pedir que compartilhassem comigo o que tivessem escrito e considerado bom. Início, então, a contar como de cadinho em cadinho, susto e surpresa, a pesquisa se desenvolveu.

Abrir a casa para que um pesquisador entreviste, acompanhe, filme, registre, documente e analise a escrita de um adolescente não costuma ser o tipo de concessão que pais e/ou responsáveis permitam sem desconfiança ou incômodo. O objetivo era conferir junto a esses jovens o que eles tinham a dizer sobre a escrita em suas vidas enfocando nos significados dados à comunicação digital em comparação com a escrita formal. Para descrever e analisar como eles definem a escrita e identificar suas formas de escrever, o papel da tecnologia eletrônica no processo da escrita e a habilidade de que dispõem para adaptar a escrita para diferentes gêneros discursivos, foram pensadas estratégias distintas de observação e análise.

O primeiro fio a ser encontrado foi o do informante privilegiado, ou seja, alguém que pudesse me introduzir no universo de escritores nativos digitais com conhecimento de causa. Esse adolescente, entrevistado em sua residência, deveria estar disposto a contar sobre a escrita no seu dia-a-dia, com a devida autorização dos pais. Os pré-requisitos: ser nativo digital, ou seja, ter em 2009 entre 14 anos e 16 anos, indicando familiaridade e apropriação no uso da Internet no cotidiano – seja em casa, na casa de amigos, *lanhouse* ou laboratório de informática da escola - gostar de escrever, e o mais importante: estar disposto(a) a participar da pesquisa e posteriormente, indicar um(a) amigo(a) para que eu desse continuidade à investigação. Quando um adolescente indicava outro conhecido, a rede se fazia orientada por tramas tecidas por laços de amizade ou parceria, o que facilitou o contato com os responsáveis e a entrada nas casas e na intimidade desses jovens. A *rede de amizades* foi fundamental para essa tessitura. Para o pré-teste, minha orientadora indicou sua filha para experimentar roteiro e metodologia. A adolescente já me conhecia tanto por telefone, quando ligava para sua mãe, quanto pessoalmente. Não tínhamos uma relação estreita nem íntima, mas nutríamos simpatia uma pela outra mesmo nos poucos encontros que tivemos.

A adolescente gosta de escrever e se mostrou disposta a participar. Liguei para agendar minha primeira visita. Expliquei minimamente a pesquisa e solicitei

sua autorização para gravar e filmar nosso encontro. Preveni que ela poderia avisar aos seus contatos do MSN que no dia da entrevista e observação as conversas seriam registradas. Todas as propostas foram bem-aceitas, o que me levou a perceber que esta seria uma parceria frutífera. Trocamos contatos do MSN e nos adicionamos nas respectivas listas de amigos do Orkut.

O resultado do pré-teste foi animador: depoimentos detalhados sobre significados da escrita digital, exemplos na tela do computador, empatia estabelecida, fotografias tiradas. Resolvi incorporar trechos das entrevistas na tese, mesmo sabendo que tal procedimento poderia escapar ao protocolo. A lucidez com a qual a jovem avalia e interpreta a condição atual em relação à escrita e novas tecnologias enriqueceu a empiria e por isso resolvi incorporar esse material, anteriormente previsto apenas como pré-testagem da metodologia, ao corpo do trabalho. Após três encontros segui para o trabalho de campo com os indicados.

Através da indicação cheguei a Diana, 14 anos, moradora de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Importante observar que a maioria dos adolescentes entrevistados ao longo do trabalho (presencial e online) pediu para que seus nomes fossem mantidos. Sendo assim, o emprego de pseudônimo foi feito apenas quando solicitado.

Os encontros com os nativos digitais tiveram duração de uma hora tempo este dividido em dois momentos principais de contato: no primeiro, eu pedia para que o adolescente usasse o computador como “normalmente” fazia e observava – levando em consideração, claro, que a minha presença física já seria por si só um fator inibidor e que as ações de escrita que fariam seriam recortes escolhidos por eles. Num segundo momento, realizei entrevistas semiestruturadas, gravadas em vídeo.

A segunda indicação foi um adolescente de 15 anos. O contato com ele, entretanto, foi muito mais arenoso. Sua mãe, embora tivesse dito não ter problemas em autorizá-lo a participar, pediu que os encontros fossem agendados apenas um mês depois por conta do período de provas escolares. Esperei o período passar e tentei contato novamente, ainda sem sucesso. Desta vez era o próprio Fred que se mostrava sem tempo e disponibilidade.

Pedi para que Diana me indicasse o nome de algum amigo ou colega, mas estes também não pareciam interessados em participar. Através de uma amiga fiz

contato com um adolescente de 14 anos, também morador de Jacarepaguá, usuário de Internet. Juliano me recebeu em sua casa por cinco encontros. Através de Juliano cheguei até Isabella, 14 anos, com quem conversei também por cinco encontros. Ela por sua vez indicou o irmão João, de 15 anos, mas neste caso, três encontros foram suficientes.

O irmão mais novo do Juliano, Pablo, 12 anos, conversou comigo uma vez separadamente, deixando cópias das redações escolares e Fernando, amigo comum aos dois, também gravou uma conversa sobre tecnologia e escrita digital de jovens. Todos os adolescentes são oriundos de famílias de classe média, morando em casas amplas em áreas residenciais, com os pais graduados e/ou com pós-graduação.

Assim, Lorena, Diana, Juliano, Isabella e João – os três últimos da mesma família - foram os cinco nativos digitais com os quais pude conversar, observar, verificar o que escreviam tanto no papel quanto no computador, fotografar o que escreviam e liam, ter acesso aos *printscreens* das telas navegadas, analisar cópias de nossas conversas por MSN, gravar seus depoimentos ao longo de quatro ou cinco encontros. Pablo e Fernando ofereceram contribuições isoladas, mas nem por isso menos significativas. Nota-se, entretanto, uma *rede tanto de amizade como parental* margeando os fios com os quais os sujeitos foram atraídos para e mantidos na pesquisa.

Hoje, revendo todo o processo de permanência no campo, não acredito que poderia ter sido diferente, principalmente pela proposta de entrar na casa e intimidade dos jovens. Os garotos que não tinham uma relação mais forte reforçando o pedido – como o “bilhete” de uma amiga minha para a mãe, no caso de Juliano, ou o “bilhete” de uma adolescente para a mãe de outra, no caso de Diana – eu não consegui alcançar. As portas apenas ficaram entreabertas, não me permitiram realmente entrar.

Embora o planejamento do roteiro tenha previsto a divisão de temas por encontros, nem sempre foi possível seguir à risca a proposta. Os temas se misturavam em diferentes encontros, nunca necessariamente em ordem. Com exceção do primeiro, no qual foi possível seguir mais fielmente as perguntas, nos outros prevaleceu o imprevisto. Ao final da pesquisa, entretanto, todos os itens foram abordados.

3.2. Situações de contato: de bilhete a bilhete, até as famílias

O etnógrafo Berreman (1990) e seu assistente-intérprete chegaram, em 1957, em Sirikanda, uma aldeia camponesa isolada do Baixo Himalaia, na Índia Setentrional, onde pessoas identificadas como estranhas são desencorajadas a permanecer muito tempo na vizinhança. Como não possuíam laços de parentesco com os habitantes, nem de casta ou afiliação na comunidade, a maneira encontrada para ter acesso à comunidade foi pedir a um atacadista do mercado mais próximo que intercedesse por eles.

Um *bilhete* foi escrito, endereçado a um homem de casta alta, o que abriu a possibilidade para que fossem tolerados na aldeia. Assim foi feito. No meu caso, um “*bilhete*” também foi pedido - recomendação oral por laços de confiança e amizade para que eu pudesse entrar nas casas dos nativos digitais. Para garantir segurança contra possíveis perigos de um estranho em suas casas, “saber quem a pessoa é” se torna fundamental para que o pesquisador seja ajustado em algum lugar no sistema social conhecido (BERREMAN, 1990).

Meu primeiro contato com os pesquisados só foi dado, em todos os casos – com exceção de Fernando, após a autorização dos responsáveis por telefone. Nesta ocasião eu me apresentava, explicando que havia sido indicada por um jovem conhecido da família, descrevendo os objetivos e metodologia do trabalho.

Encontrar abertura e interesse para que o primeiro encontro fosse marcado foi fácil, mas encontrar horário na agenda dos jovens, nem tanto. Escola, aulas de esportes (tênis, vela, *ninjitsu*, trampolim) e cursos extra (astronomia, inglês) ocupavam as agendas dos mesmos. As mães já tinham sido avisadas pelos filhos (as) se mostraram abertas e colaborativas. Com os documentos impressos - carta de apresentação da orientadora e carta de autorização de imagem, esperava com calma para que os pais analisassem a proposta antes de assinar.

Não consegui me encontrar antes com a mãe de Diana, Ego focal, que liberou minha participação sem ressalvas, tanto por sua falta de tempo em me encontrar devido ao trabalho e estudo, quanto pela confiança no trabalho da universidade. A mãe de Diana costuma contribuir com pesquisas acadêmicas regularmente e conhece o trabalho da PUC-Rio.

As mães, com exceção a de Diana, acompanharam o trabalho de perto. Estavam presentes nos encontros fazendo perguntas, oferecendo dicas, pensando

junto alternativas para que outros jovens pudessem participar, dando exemplos e tirando dúvidas. Também demarcavam até onde eu poderia ir, deixando claro que por mais que a casa tivesse sido aberta para a minha entrada, negociações precisariam ser feitas sobre os usos futuros do que seria pesquisado com seus filhos.

Compartilhar a intimidade da casa de uma família desconhecida é uma experiência que merece adjetivações. Rica, complexa e inesperada. Através dela é possível tecer contato com um aceno de rotina. Jovens que chegavam da escola e me recebiam ainda com uniforme ou roupa de ginástica, pais e mães que voltavam do trabalho ou traziam outros filhos de cursos e terapias, irmãos que faziam cartazes escolares e assistiam TV, ouviam música alta nos quartos ao lado e irmãos mais velhos que saíam de moto, contavam as notas tiradas no boletim, ajudantes domésticas passando roupa, animais de estimação e sua relação com seus donos dentro de casa são situações que contextualizam e integram a nossa entrada e permanência no campo. Os vigias dos condomínios fechados com o passar das semanas passam a cumprimentar, os cachorros das casas a fazer festa.

Após a saída do campo e análise das descrições e diários, arrisco dizer que encontrei um “estilo de cuidados” nas famílias visitadas. Se eram as mães que estavam em casa – ou chegando em casa - enquanto eu tinha encontros com os nativos digitais, os pais também eram citados como quem estava acompanhando o processo da pesquisa, opinando, dando sugestões ou demarcando limites. São famílias preocupadas, que querem saber, acompanhar o que os filhos estão vivendo, conversar com eles não só em relação à postura dos mesmos nos encontros para a pesquisa, mas em relação a regras cotidianas dentro de casa para o uso das mídias, especialmente da Internet.

A categorização feita por Rivoltella (2006) com os resultados da pesquisa italiana sobre usos, representações e apropriações da Internet entre adolescentes e adultos, ajuda a fomentar essa discussão. O autor delinea pelo material empírico coletado perfis de famílias quanto às maneiras de lidar com a internet: “pais ausentes”, “pais ansiosos”, “pais confiantes” e “pais atentos”. Se “pais ausentes” deixam os filhos com livre acesso para experimentação do que quiserem na rede por desconhecimento tecnológico, os “pais confiantes” não encontram problema no uso, delegando aos filhos a confiança para estabelecerem os limites de suas ações. Os “pais ansiosos” tendem a se preocupar, com a possível perda do

controle dos filhos e por isso reforçam temores, adotando atitudes de censura e-ou negação.

Os ‘pais atentos’ atuam como mediadores responsáveis através de uma ação de acompanhamento educativo em virtude da intimidade com a tecnologia e da consciência acerca da necessidade de favorecer uma apropriação sensata das novas mídias, criando um clima de confiança e diálogo sobre a comunicação. (RIVOLTELLA, 2006, p.172).

As famílias que acompanhei parecem atuar mais como “pais atentos”, tendendo para a ansiedade apenas no caso de uma das mães. Seu perfil está em consonância com o de outros pais “ansiosos” italianos. Os “pais ansiosos” geralmente não tem muita familiaridade com a rede mundial de computadores, fazendo pouco uso pessoal da mesma. Se as outras três mães possuem MSN, Skype e são usuárias ativas, a com perfil ansioso já havia contado que não usa MSN, a não ser em raras ocasiões, navegando bem pouco.

3.3. Interação social com nativos digitais: o “ponto de vista do controle das impressões”

Como retoma o etnógrafo Berreman (1990), a descrição e análise da interação social feita por Erving Goffman em “A representação do eu na vida cotidiana” (2009) sugere que há uma “abordagem dramática” largamente aplicável à análise dos sistemas sociais. Os indivíduos procurariam controlar as impressões que os outros deles recebem:

Encontramos um grupo de atores, que cooperam na apresentação de uma determinada definição da situação para uma platéia. O que abarcará a concepção da própria equipe e da platéia e suposições referentes ao *ethos*, que deverá ser mantida pelas regras de polidez e decoro. Com freqüência, descobrimos uma divisão entre região interior, onde a representação de uma rotina é preparada, e região exterior, onde a representação é apresentada. O acesso a essas regiões é controlado, a fim de impedir que a platéia veja os bastidores e que estranhos tenham acesso a uma representação que não se dirige a eles. Entre os membros da equipe, descobrimos que prevalece a familiaridade, que a solidariedade tem possibilidade de se desenvolver e que segredos, capazes de fazerem fracassar o espetáculo, são compartilhados e guardados. (GOFFMAN, 2009)

Trazer a noção palco, cena, platéia, bastidores e atores para perto foi importante lente para a análise do material empírico obtido com os nativos digitais. Esta abordagem fez lembrar continuamente que observação participante envolve sempre controle de impressões e por isso mesmo, algum nível de segredos e dissimulações, o que demanda um “esforço extenuante e enervante”

para ambas as partes, principalmente no início do processo. (BERREMAN, 1990). Tentarei explicitar o desempenho dos jovens para “montar a cena”, assim como demonstrar situações nas quais os bastidores me foram ocultados.

Sempre deixei os jovens à vontade para me receberem nos lugares que lhes fossem mais confortáveis. Por mais que eu quisesse ter acesso aos quartos para que pudesse observar o espaço dos livros, dos papéis, canetas, posição do computador e possíveis murais, nunca explicito esse desejo, esperando que partisse deles o convite. Nem sempre o convite apareceu. Sala-de-estar e escritório foram cômodos nos quais fiz os encontros com os dois primeiros entrevistados: Diana e Juliano. Os irmãos Isabella e João me receberam diretamente nos quartos. Conforme o meu pedido ou pergunta, Diana trazia do segundo andar, onde fica o seu quarto, pastas, cartazes, revistas, papéis e o *laptop*.

No segundo encontro apareceu, ainda na cozinha, com duas pastas gordas, cheias de papéis. “Separei isso tudo para te mostrar”, contou animada. Dessa maneira, era como se ela “descesse com o quarto”. Compartilhava significados e experiências, deixando claro seu envolvimento e compromisso, mas nem por isso se abstraía de sinalizar os limites necessários. Diana “descia com o quarto” sim, mas com isso delimitava o que seria permitido ver. Ela preparava o palco, coloca objetos em cena, mas não me dava acesso aos bastidores. Como tão bem avisa Berreman (1990):

Entre si, etnógrafo e seus sujeitos são simultaneamente, atores e público. Tem que julgar os motivos e demais atributos de uns e do outro com base em contato breve, mas intenso e em seguida, decidir que definição de si mesmos e da situação circundante desejam projetar, o que revelarão e o que ocultarão, e como será melhor fazê-lo. Cada um tentará dar ao outro a impressão que melhor serve aos seus interesses, tal como os vê. (BERREMAN, 1990, p.141)

Juliano adotou postura mais tímida, brincalhona e reservada. O quarto do Juliano fica no primeiro andar, mas fazíamos os encontros no segundo, no escritório, onde ficam os três computadores da casa, várias estantes com livros, um espaço infantil para as brincadeiras da irmã menor, com piso emborrachado e colorido. Pintada de azul, com amplas janelas de vidro, a casa tem jardim com piscina, rede, churrasqueira e muitas árvores e verde ao redor. As janelas do escritório oferecem vista para o jardim. Ao contrário de Diana, Juliano “não subia com o quarto”, sendo necessário um certo esforço para que falasse sobre sua

relação com a escrita formal e digital. No último encontro foi por iniciativa de sua mãe que pude ter acesso às suas redações e às do Pablo, seu irmão.

Na casa de Isabella e João todos os encontros foram feitos nos quartos. No da adolescente, a cama fica encostada na janela e acima da cama uma cortiça horizontal é afixada na parede. Quase todo o espaço é ocupado por fotos dos atores/cantores da banda latina Rebelde. O computador fica junto da escrivaninha. A coleção de livros, assim como gibis da Turma da Mônica Jovem fica empilhada, assim como uma coleção de mangás publicados em português. O computador fica sempre ligado e o MP4 conectado.

O quarto do irmão também tem computador, mas ao contrário da irmã, este estava sempre desligado. Uma prateleira com livros e bancada encostada na janela com multi-função, ora serve como apoio para que toque teclado, ora como mesinha de apoio para que faça seus mosaicos em caixas de madeira, técnica aprendida com a vizinha do condomínio.

O humor dos adolescentes também variava a cada nova semana e lidar com isso foi desafio íngreme. Embora no primeiro contato todos tenham se mostrado dispostos, colaborativos, simpáticos, foi possível perceber uma queda a partir do terceiro encontro. Quando eles emitiam sinais de estar aborrecidos, monossilábicos e levemente apáticos ou distraídos era fácil eu me desconcertar. O peso por estar na casa deles me envergava os ombros e eu me sentia intrusa, invasiva.

Quando entrei na sala, encontrei Isabela deitada no sofá, abraçando a cadela Rottweiler, coberta por um edredom. Estava com os olhos pintados de preto, vestindo um moletom. Quando a cumprimentei, perguntando se estava tudo bem, Isabela me respondeu apenas com “oi”, sem nenhum esforço em ser simpática. Ao contrário, parecia incomodada com o fato de eu ter chegado com uma hora de antecedência. Pelo jeito, todos tinham esquecido que eu viria mais cedo. Enquanto João ia buscar a agenda no segundo andar fiquei sentada, tentando puxar assunto com Isabela, em vão. “Está tudo bem mesmo?”, insisti, mas ela disse que sim. (Diário de campo, 6 de junho, Encontro 3, Isabella)

Importante sublinhar que com Diana, nos cinco encontros que tivemos, isso nunca aconteceu. Ela se mostrou sempre muito aberta, animada, colaborativa e empenhada a pensar as questões colocadas. Imagino que esse quadro se deva ao fio que nos ligava. Diana é a melhor amiga de Lorena, que a indicou. Sua mãe conhece pessoalmente a mãe de Lorena. Na ocasião da pesquisa a mãe estava escrevendo a monografia de um curso de especialização e Diana comentava estar

se sentindo orgulhosa por estar contribuindo para uma tese de doutorado – nesse caso, o trabalho de pesquisa acadêmico é valorizado na família.

Os jovens participantes da pesquisa podiam concordar ou não com o que eu propunha, insinuava ou pedia. Pedir de uma semana para a outra *Print screen* das telas, gravação da navegação deles pelo programa *FreezScreenVideo* e entrega de papel especial para que escrevessem à mão, por exemplo, foram estratégias que não funcionaram com nenhum deles.

De forma geral, entretanto, avalio a minha relação com os jovens e a deles comigo como a melhor possível e deveras intensa. Encontrei falas abertas, disposição para ajudar, relatos íntimos e muitos sorrisos. Pontos de timidez ou reserva foram sendo tocados e a “química” alterada. Isabella, por exemplo, que se recusava a se mostrar tocando violão, em nosso último encontro fechou os olhos para a câmera e dedilhou, por minutos, sua música preferida. João me abraçou forte, dizendo ter gostado muito de participar. Também trocávamos *scraps* durante a semana e conversávamos por MSN.

Ainda que o esforço para o entendimento das práticas de escrita digital tenha recebido ênfase no presente trabalho, é importante ressaltar que minha proposta inclui o estudo etnográfico tanto de práticas manuscritas como online, o que exigiu a utilização de métodos complementares.

3.4. Procedimentos de pesquisa e dados coletados

Em resumo, a definição do estudo comparado de práticas escritoras manuscritas e digitais entre jovens como sendo o eixo central desta tese exigiu a combinação de múltiplos métodos, abordagens e instrumentos. A pesquisa de tipo etnográfica - presencial e online - foi o eixo articulador para todos os passos dados, sendo necessário respeitar as diferentes exigências e desafios que os cenários “real” e “virtual” impõem (GARCIA *et. al.*, 2009). Esta seção pretende retomar as diferentes faces da pesquisa, apresentando o processo de construção da metodologia empregada.

A primeira se referiu ao contato presencial com os nativos digitais: a conquista da autorização para a entrada em suas casas. Minha intenção foi entrevistá-los em seus espaços cotidianos de escrita, com computadores ligados, observando estratégias de navegação, representações e práticas de escrita.

Face 1	Procedimentos de pesquisa	Dados coletados
Etnografia presencial	Entrevista vídeo-gravada em suas casas	16 horas de gravação
	Observação de práticas usando computador	6 horas de observação
	Cópia e foto de manuscritos, cadernos, cartazes, cartas, livros preferidos	35 fotos
	Print-screen das telas	25 telas
	Registro da navegação em tela	Não permitido
	Troca sincrônica de mensagens via MSN	6 conversas
	Participação na rede de amigos do Orkut	“Quem sou” Depoimentos Recados
	Sujeitos:	Oficiais: Lorena, 15 anos Diana, 14 anos Isabella, 14 anos Juliano, 14 anos João, 15 anos

Figura 2 - Quadro de procedimentos e dados coletados na pesquisa presencial

A segunda foi sendo trabalhada quando o universo das webnovelas e *fanfictions* surgiu como sendo constituinte das práticas de escrita de uma das jovens entrevistadas em casa, se transformando em um novo foco da pesquisa. Tendo em vista que as práticas de escrita neste gênero textual apenas poderiam ser conhecidas através da imersão no campo e que neste caso, o campo é online, estratégias da etnografia online foram adotadas.

Face 2	Procedimentos de pesquisa	Dados coletados
Etnografia online	Observação participante em comunidades de webnovelas e <i>fanfictions</i>	4 grupos de comunidades observadas diariamente, 4 horas por dia, por 3 meses (Rebelde, Crepúsculo, Turma da Mônica Jovem e Harry Potter)
	Entrevistas coletivas no fórum online	5 conversas coletivas
	Aplicação de questionário online	200 respostas online, 149 de nativos digitais
	Cópia de webnovelas	17 cópias
	<i>Print screen</i> de Perfis no Orkut das autoras	149 cópias
	Troca sincrônica de mensagens via MSN e de e-mail	Recados avulsos
	Participação na rede de amigos do Orkut	Recados avulsos
	Fotos enviadas pelas autoras	10

Figura 3 - Quadro de procedimentos e dados coletados na pesquisa online

Somente quando terminado o trabalho de campo, imersa no processo de análise, pude perceber o corte de gênero nas práticas de escrita. Até então eu não tinha me dado conta que a escrita para si, o registro e a memória como participantes do processo de autoconhecimento tocavam apenas as meninas entrevistadas. Nesse momento decidi voltar ao campo. Entrei no perfil do Orkut dos participantes da pesquisa, procurando depoimentos deixados por meninos. Meu foco era encontrar vestígios de uma escrita masculina adolescente no espaço público online.

Nessa busca, os recados e depoimentos de Jonas, 15 anos, amigo comum de duas entrevistadas, apareciam com frequência nos murais das duas e com carga afetiva. As amigas também publicavam mensagens carinhosas no perfil de Jonas. Aproveitei as facilidades do espaço e entrei em contato com o jovem, me apresentando como pesquisadora, indicando a proximidade com suas amigas. Ele

conversou comigo por MSN, oferecendo pontos de vista esclarecedores sobre os significados e espaços para a expressão do masculino na escrita.